

OBSERVARE 1st International Conference

16 - 17 - 18 November, 2011

I Congresso Internacional do OBSERVARE

16 - 17 - 18 Novembro, 2011

INTERNATIONAL TRENDS and Portugal's Position



AS TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS e a posição de Portugal

Actas

Universidade Autónoma de Lisboa | Fundação Calouste Gulbenkian

<http://observare.ual.pt/conference>

Investimento político, económico e cultural de Portugal no Magrebe: a continuar...

Raúl Braga Pires
Universidade do Porto

Palavras chave: Portugal e Magrebe, Portugal e Marrocos, diplomacia económica, diplomacia cultural

O recente programa do governo é vago na sua abordagem estratégica à região do Magrebe, particularmente durante estes dias de revolta da “Primavera Árabe”

Na esperança de que até Novembro as coisas se clarifiquem nesta matéria, a minha proposta é a de estabelecer uma comparação entre a prioridade que o governo de Sócrates concedeu aos países do Magrebe, especialmente no contexto da diplomacia económica, e a definida pelo governo recém-eleito, com especial enfoque no caso de Marrocos.

Tópicos principais a desenvolver:

- Enquadramento da prioridade atribuída pelo governo de Sócrates à região do Magrebe –
- Êxitos e oportunidades perdidas,
- Novas oportunidades nas esferas da cultura e da economia,
- De que forma é que Portugal pode otimizar a sua relação com Marrocos, no contexto das tensões sazonais entre Marrocos e a Espanha relativamente aos enclaves de Ceuta e Melilla,
- Marrocos no contexto da “Primavera Árabe” e a sua Nova Constituição,
- A estratégia do governo de Passos Coelho relativamente a Marrocos e à região do Magrebe. Ainda desconhecida!

Raúl Braga Pires – Investigador do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Professor de Língua Portuguesa na Licenciatura de Estudos Hispânicos da Universidade Mohammed V – Agdal, Rabat, Marrocos. Doutorando no *Institut d’Études Africaines* da Universidade Mohammed V – Souissi, Rabat, Marrocos. Departamento Dinâmicas Religiosas em África. Dissertação “Islamização de Angola – Sim, ou não?”. Mestre em Estudos Asiáticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação “Indianos Sunitas em Moçambique – 1974/2004”. Licenciatura em Relações Internacionais na Universidade Lusíada de Lisboa. Coordenador do blogue Maghreb/Machrek, acessível em www.expresso.pt/maghreb. Coordenador do site Forum de Estudos Islâmicos Lusófonos, acessível em www.islamicos.eu (projecto entretanto suspenso).

Investimento Político, Económico e Cultural de Portugal no Magrebe

Reparos e Sugestões

Raul Braga Pires

O ponto de partida para esta reflexão, foi a mudança de governo em Portugal, em Junho de 2011 e, a tentativa de perceber se o Magrebe continuaria a ser uma prioridade, sobretudo para a diplomacia económica portuguesa. Nesse sentido, o título inicialmente proposto questionava sobre essa mesma continuidade. O contexto da “Primavera Árabe”, as medidas tomadas e as declarações efectuadas pelo Governo português, sobretudo através do Ministério dos Negócios Estrangeiros, demonstraram um contínuo e natural interesse nesta zona próxima, a qual passou a receber uma atenção especial pelo governo de José Socrates a partir de 2007.

Já tudo foi dito quanto à dependência portuguesa dos hidrocarbonetos locais, bem como relativamente à questão securitária, pelo que remeto os interessados sobre esta questão a adquirirem o recente trabalho de investigação da autoria de Catarina Mendes Leal, **“Magrebe, Islamismo e a Relação Energética de Portugal”**, publicada pela Editora Tribuna da História (Fig. 1).

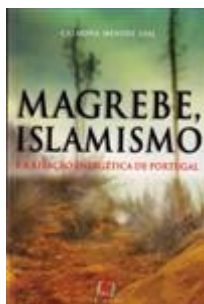


Fig. 1

Da minha parte, pareceu-me muito mais interessante trazer ao Congresso a minha visão para o lóbi português no Magrebe, daí ter acrescentado ao título “Reparos e Sugestões”.

Marrocos, realidade que conheço melhor, pois é aí que vivo, apresenta uma grande população portuguesa flutuante¹, a qual apesar de trabalhar e viver neste país, não está registada na Embaixada portuguesa, nem tão pouco é possuidora do título de residência local, pois a proximidade permite um constante vai-vem entre os dois países, quer por ar, quer sobretudo por terra, sendo que os 90 dias de autorização de permanência em território marroquino sem Visto, são mais do que suficientes para que estes hábitos sejam recorrentes, permitindo uma confortável circulação entre os dois países.

Tal facto, transporta-me para um outro dado que tenho constatado *in loco*. Existem dois tipos de empresas² e de empresários portugueses no Marrocos. Aqueles que chegam a este país através do AICEP, por via oficial e, as outras, as quais chegam por via própria, a custo e risco dos próprios empresários, os quais em nada dependem das estruturas oficiais de Portugal e que quando as contactam, geralmente têm sempre episódios pouco abonatórios a contar sobre as mesmas. Tempo perdido e tratamento pouco digno, são em regra os reparos efectuados.

¹ Os números não são certos, mas deverão viver no mínimo cerca de 100 portugueses no eixo litoral Rabat/Mohamedia/Casablanca.

² No total, entre empresas “oficiais” e “oficiosas”, ou seja, as que chegam através do AICEP e as que chegam por iniciativa própria, serão cerca de 200, com registo na Embaixada de Portugal em Rabat e na Embaixada do Marrocos em Lisboa. Mas haverá mais.

A diplomacia portuguesa tem a característica de se mover muito bem nos salões, dando provas constantes da sua influência³, mas depois peca pela falta de atenção e até mesmo alguma sobrançeria, face a esta rede de *empresas oficiosas* portuguesas a operarem no Marrocos, a qual desconhece e não potencializa.

Os vários lóbis a desenvolver

Todas as acções propostas deverão ser desenvolvidas em conjunto e não individualizadas, ou individualmente. Só assim se dará um sinal aos marroquinos, bem como aos portugueses, que o Marrocos e o Magrebe são de facto a prioridade anunciada, denunciando também através desta acção que há uma estratégia e um pensamento de longo prazo a desenvolver para esta fatia do Norte de África.

Lóbi Gastronómico

Constata-se a inexistência de um restaurante português em todo o território marroquino, bem como uma dificuldade em se encontrar um restaurante “normal” local, que cozinhe o peixe e os mariscos *à portuguesa*. Apesar da longa linha de costa marroquina, a verdade é que localmente a carne é muito mais consumida que o peixe. Um restaurante português, deveria apostar nos pratos de peixe e de marisco, bem como outros que excluam a carne de porco, embora esta também deva estar presente a determinado dia da semana, como por exemplo, a quarta ou a quinta-feira do Cozido à Portuguesa, dependendo dos restaurantes em Portugal.

Este restaurante deverá ter 3 locais preferenciais para se instalar.

Mohamedia, cidade a meio caminho entre Rabat e Casablanca, local onde viverão actualmente cerca de 60 portugueses, mas onde já viveram mais de uma centena, precisamente entre 2007 e 2010, momento em que grandes empresas portuguesas de construção se instalaram no Marrocos. A Conduril, por exemplo, chegou a ter nesta cidade uma cantina, a qual servia em média 50 almoços diários, tendo-se provado uma adesão total dos marroquinos à nossa gastronomia, quer do ponto de vista da degustação, como da aprendizagem das funcionárias contratadas localmente e que rapidamente aprenderam a confeccionar a comida ao jeito português, nunca levantando qualquer entrave ao manuseio da carne de porco, por exemplo.

Casablanca, aproveitando as novas instalações a inaugurar da Marina desta cidade, local ideal para aí instalar restaurante especializado em peixe e marisco.

Rabat, onde as novas instalações na foz do rio Bouregreg, do lado da Salé⁴ dos piratas portugueses, proporciona o mesmo ambiente ideal para a instalação de restaurante especializado em peixe e marisco.



³ A independência de Timor-Leste (2002), 3 Mandatos como Membro Não Permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas (1979/80, 1997/98, 2011/12), Expo 98, Euro 2004 e certamente inúmeros outros casos menos, ou mesmo nada públicos.

⁴ A República do Bouregreg, ou República de Salé (1627/66), foi fundada por mouriscos originários da Andaluzia, sendo um porto de abrigo de piratas, entre os quais inúmeros portugueses. A capital desta república baseava-se no *Kasbah Oudayas*, na margem de Rabat, para o qual a frente do restaurante ficará virada, caso se opte por este local.

Fig. 2 – Kasbah Oudayas

A par do restaurante, é necessário constituir-se também a Confraria do Bacalhau. Aqui deverá ser copiada a experiência que temos sobretudo na África Lusófona, nas Américas e Europa, junto das comunidades portuguesas. O Confrade-Mor deverá ser o Embaixador e a sua equipa de confrades, deverá convidar figuras influentes da sociedade marroquina a juntarem-se ao grupo e/ou participarem nos almoços e/ou jantares, como convidados de honra. Há que saber maximizar o facto de o nosso prato nacional ser peixe, sendo que o bacalhau é considerado algo de exótico por estas culturas, já que se trata de um peixe seco, havendo também sempre histórias mais ou menos exóticas a contar sobre as origens da pesca do bacalhau, da indústria bacalhoeira, das diferentes técnicas de secagem e de demolhagem, bem como das 1001 formas de confeção. Para uma cultura em cuja memória oral é uma das principais formas de manutenção das tradições e dos hábitos, as histórias sobre a *epopeia do bacalhau*, reforçarão ainda mais a perspectiva romântica que o marroquino tem do português, do qual em regra geral se recorda como um aventureiro corajoso, um pirata, nas brumas da História.

A cada confraternização dos confrades, será sempre uma boa oportunidade para a promoção de vários produtos portugueses como os vinhos⁵, o azeite, o mel⁶, a fruta⁷, as castanhas⁸, etc. O fundamental é que haja uma abordagem séria e profissional a cada uma destas acções promocionais, sempre com o Embaixador à cabeça, sinal da importância dada ao acto, bem como aos convidados.

Uma outra acção a levar a cabo no âmbito gastronómico, é a promoção de sardinhas aquando do 10 de Junho e/ou dos Santos Populares, junto dos alunos do Curso de Estudos Portugueses. As mesmas poderão ser levadas a cabo no perímetro interior da própria Faculdade⁹ de Letras da Univ. Mohamed V-Agdal, sendo que se poderão adicionar a esta iniciativa uma série de outras actividades.

Em primeiro lugar, é crucial que sejam os professores a assarem as sardinhas. A inversão de posições perante os alunos terá um efeito de conquista imediata dos seus corações, pelo que é necessária a presença de portugueses entre os mesmos, como é o caso do Leitor do Instituto Camões, de mim próprio e de outros. Sendo 2012 ano de Europeu de futebol, deverão ser organizadas actividades de língua portuguesa durante o decorrer da sardinhada, cujos prémios serão camisolas da selecção nacional de futebol. Na melhor das hipóteses, haver um número de camisolas suficiente para oferecer a todos os alunos do curso de Estudos Portugueses, apesar de se promover igualmente as actividades de língua portuguesa, sob um princípio de competitividade.

Para tudo isto é necessário dinheiro, pelo que a apresentação desta ideia às várias empresas/empresários portugueses locais, deverá conseguir a quotização dos mesmos para poder levar a cabo esta actividade junto destes alunos universitários.

A razão pela qual o lóbi gastronómico vem em primeiro lugar, prende-se com o facto de o marroquino ser exactamente como o português, conquista-se pela barriga. Também no Marrocos, entre marroquinos, os negócios fazem-se à mesa, à volta de um bom repasto.

⁵ Apesar de muçulmanos, a esmagadora maioria dos marroquinos consome bebidas alcoólicas. A sua grande reticência é à carne de porco e derivados. No actual momento em que o Marrocos assume um governo islamista, tendo como hipótese que o convidado principal de um almoço confrérico fosse o Primeiro-Ministro, acompanhado pelo seu *staff*, será de bom tom e, por iniciativa própria, assegurar que não serão servidas bebidas alcoólicas durante a refeição, bem como carne de porco. Também há sempre a possibilidade de fazer as coisas à marroquina, ou seja, o vinho tinto é servido em garrafas de coca-cola e o branco em bules de chá!

⁶ O mel trata-se do melhor produto que se pode oferecer a um árabe/berbere. De forma protocolar, ou informal. Na possibilidade de ser num tradicional pote de barro, decorado com dizeres “Mel de Portugal”, ou “Produto de Portugal”, melhor ainda, já que o mesmo ficará sempre como referência para o futuro. Para o árabe/berbere, é importante que sinta que lhe foi ofertado algo de exclusivo, de tradicional, cujas origens estão nas origens de quem oferece.

⁷ A pêra rocha, exclusivo de produção portuguesa no mundo, é vendida no Marrocos sob etiqueta e marca espanhola. Consequência do mercado livre, no entanto, há que esclarecer o consumidor de que se trata de um produto apenas produzido nos pomares portugueses. Um exclusivo mundial!

⁸ As castanhas são consumidas no Marrocos como em Portugal, tanto na forma como se confeccionam, sobretudo assadas, como em quantidade. Também se verifica a venda nos mercados tradicionais, de bolotas.

⁹ Outra opção é o pátio exterior do Instituto de Estudos Hispano-Lusófonos, muito próximo da Faculdade. Em ambas as instalações, será proibida a entrada/distribuição de bebidas alcoólicas.

Lóbi Cultural

Este é talvez o lado mais visível e mais desenvolvido nas relações luso-marroquinas, por via da herança histórica. No entanto, ainda se poderá desenvolver e maximizar os seguintes aspectos:

Marrocos vive actualmente uma febre de festivais de música. Segundo uma islamista com quem falei e que denunciava esta futilidade no reino, serão mais de 80 durante todo o ano. É necessário trazer músicos e bandas portuguesas a estes eventos, sobretudo ao Festival *Mawazine*¹⁰ de Rabat, ao Festival de *Jazz au Chellah*¹¹ também em Rabat, ao Festival de Música Gnaoua de Essaouira¹², ao Festival de Música sagrada de Fez, ao *Tanjazz*, o Festival de jazz de Tanger. A Embaixada do Marrocos em Lisboa, promove a participação de músicos e bandas portuguesas no Festival de Música Andalus de Tetuão, por exemplo. A contraparte portuguesa poderia fazer o mesmo, dentro do espírito da reciprocidade diplomática, num outro festival à escolha.



Fig. 3 - *Pin* e alfinete de gravata adquiridos em Ceuta, cujo símbolo da cidade é o Brasão de Armas português

Criação de uma rota turística específica sobre a herança histórico-arquitectónica portuguesa no Marrocos, a qual deverá começar por Ceuta¹³ e depois seguir progressivamente para sul, passando por Tanger¹⁴, Arzila¹⁵, Alcácer Quibir¹⁶, Azamor¹⁷, Mazagão¹⁸, Safi¹⁹, Mogador²⁰, Agadir²¹ e Cabo Bojador²², embora este se encontre muito a sul de Lâayoune, longe, em pleno Sahara Ocidental, mas deverá ser sempre citado.

¹⁰ Sob o patrocínio da Fundação Mohamed VI, este é o maior festival de música actualmente no Marrocos, o qual traz a palco nomes como Carlos Santana, Elton John, Cat Stevens, B.B. King, Stevie Wonder, Sting, entre outros.

¹¹ Organizado e patrocinado pela Delegação Regional da União Europeia, é realizado no interior da muralha que acolhe e protege uma necrópole romana, a qual está na origem de Rabat e de Salé.

¹² A antiga Mogador, sob administração portuguesa entre 1506 e 1510, onde foi construído o Castelo Real de Mogador, sob as indicações de D. Manuel I. Reza a lenda do Século XX, que Jimmy Hendrix passou uma temporada nesta cidade e que na praia, olhando para o castelo, se terá inspirado e escrito parte do seu repertório.

¹³ Sob administração portuguesa entre 1415 e 1668.

¹⁴ Sob administração portuguesa entre 1471 e 1662. É curioso que enquanto escrevo estas linhas, passa no jornal das 20.45h do canal público marroquino 2M, uma reportagem sobre a recuperação da muralha construída pelos portugueses após a conquista da cidade!

¹⁵ Actual Assila, sob administração portuguesa entre 1471 e 1550 e de novo entre 1577 e 1589.

¹⁶ Actual Ksar-El-Kbir, traduz-se como “Grande Fortaleza”, de má memória para todos os portugueses o dia 04 de Agosto de 1578, mas por isso mesmo uma referência e o início de um mito que se enraizou em nós e na nossa memória colectiva.

¹⁷ Actual Azemmour, porto fluvial 10 Km a norte de Mazagão, cujos habitantes em 1486 pediram protecção a D. João II.

¹⁸ Actual El-Jadida, ou seja, A Nova, após reconquistada pelos marroquinos em 1769. A partida de Mazagão, cujos habitantes foram transferidos para a Amazónia, onde fundaram a Nova Mazagão, marca o fim da presença portuguesa no Norte de África. A cidadela denominada *Cité Portugaise* e a sua cisterna, construída por portugueses, ainda hoje recebe largos elogios marroquinos pelo engenho da sua construção. Foi fundada por portugueses, em 1513.

¹⁹ Sob administração portuguesa entre 1488 e 1541.

²⁰ Actual Essaouira.

²¹ Fundada por portugueses em 1505, sob o nome de Santa Cruz do Cabo de Gué. A presença portuguesa manteve-se até 1541.

²² Gil Eanes passou por aqui em 1434 pela primeira vez. Conhecido pelo Cabo do Medo, foi a partir do momento da sua passagem que se pode considerar o início da grande epopeia marítima portuguesa, já que até então tudo era feito “perto de casa”.



Fig. 4 - Cisterna Manuelina, Mazagão

As rádios marroquinas não passam música portuguesa, pelo que os marroquinos a desconhecem, sendo que têm uma ideia do que é o fado²³. Sugere-se um protocolo entre a RDP²⁴ e a SNRT²⁵, para que a rádio pública marroquina tenha, por exemplo, um programa exclusivo sobre música portuguesa, o qual poderá começar por se tratar da transmissão de uma hora mensal e, caso se verifique que é apreciado pelo público, passar a duas horas mensais, podendo até mais tarde passar a programa de uma hora semanal. Neste último caso, poderá até passar a ser um programa sobre música lusófona, dada a importância da música brasileira. A congénere portuguesa faria a sua parte, ao abrigo de uma reciprocidade estabelecida.

Para além de se verificar uma forte adesão dos marroquinos à selecção nacional portuguesa de futebol, pelo número de camisolas da nossa selecção que se vêem na rua, têm também sido notadas, embora em menor número, algumas do FC Porto e do SL Benfica. Deverá também ser promovida a transmissão de clássicos do futebol português na TV marroquina, bem como jogos da selecção nacional. O *marroquino médio*, regra geral, vive num café a olhar para uma televisão, a qual passa permanentemente jogos de futebol em directo e em diferido²⁶.

Neste capítulo desportivo, gostaria também de salientar a necessidade de se promoverem os jogadores marroquinos que jogam em Portugal, bem como a promoção dos treinadores portugueses que virão no futuro, certamente, a treinar equipas marroquinas. A **Figura 5** apresenta uma bancada central do Estádio Municipal de Casablanca, no dia em que José Romão se sagrou campeão do Marrocos pelo Rajá de Casablanca, na época de 2009/10²⁷. Não foi a Embaixada portuguesa que ali colocou esta bandeira portuguesa gigante, foram os marroquinos casablanquenses que fizeram questão em homenagear o português José Romão desta forma tão simbólica e, já agora, comovente.

²³ Recentemente considerado Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO, este é o momento certo para promover este género musical no Marrocos e restante Mundo. Curiosamente, após ter ouvido vários estilos diferentes de recitações corânicas, acredito que a origem mais remota do Fado esteja precisamente na recitação do Corão.

²⁴ Rádio Difusão Portuguesa.

²⁵ Société National de Radiodiffusion et Télévision.

²⁶ Neste caso a TV por satélite faz uma concorrência muito grande, com permanentes transmissões de grandes jogos de todos os campeonatos europeus e das competições da UEFA. No entanto, justifica-se sempre que hajam jogos entre FC Porto, SL Benfica e Sporting CP e, entre estes e outras equipas europeias.

²⁷ José Romão sagrou-se campeão do Campeonato Marroquino de Futebol nas épocas 2005/06 ao serviço do Wydad de Casablanca (equivalente ao Benfica) e 2009/10 ao serviço do Rajá de Casablanca (equivalente ao Sporting).



Fig. 5 - Lóbi Académico

Este é um lóbi cuja viabilidade me parece estar dependente de se tornar num lóbi lusófono, mais do que português e por razões óbvias que se perceberão mais adiante.

Existe em Rabat, já no *campus* universitário de Irfane e beneficiando agora de uma paragem mesmo à porta, do recém inaugurado Tram²⁸, o Instituto de Estudos Hispano-Lusófonos. O mesmo, trata-se de um instrumento da política externa marroquina para uma melhor penetração na América Latina. Não tem nenhum Investigador Académico português residente e os eventos que organiza têm sempre um maior pendor hispânico, que lusófono. É necessário equilibrar esse sentido através da organização conjunta de iniciativas com o Instituto Camões e com Universidades e Centros de Investigação portugueses. Por exemplo, as editoras portuguesas deverão ser encorajadas a enviarem para este centro um exemplar de cada obra que publiquem em português, sobretudo de trabalhos científicos. O número e a variedade de periódicos espanhóis que abundam nas pequenas mesas de centro de sala, ao estilo *sala-de-espera do dentista*, neste instituto, ridicularizam os poucos *Jornais* de Letras que se vão conseguindo vislumbrar.

A Licenciatura em Estudos Portugueses, tem ambições de se expandir para um Mestrado sob o título “Portugal e o Mundo Árabe”, a começar em 2014, altura em que os primeiros licenciados em Estudos Portugueses estarão formados. Certamente que se se estiver à espera do apoio financeiro de Portugal para este projecto, o mesmo nunca sairá do papel. Desta forma, parece-me viável abordar-se brasileiros e angolanos²⁹ para o financiamento, sendo que a proximidade de Portugal serviria para a efectivação de intercâmbios/estágios entre alunos e professores de ambos os países.

É necessário também encorajar cada vez mais o intercâmbio/visitas de estudo entre alunos e professores marroquinos e portugueses, ainda ao nível da licenciatura.

Em Portugal, a única universidade que tem um Mestrado em *Relações Internacionais com o Mundo Árabe e Islâmico*, é a Universidade Fernando Pessoa, no Porto. 10 anos após o 11 de setembro, parece-me um pouco débil e incompreensível ainda não se ter apostado em força nesta área do saber, bem como o encorajar dos alunos universitários na aprendizagem da língua árabe³⁰. Mais cursos superiores neste âmbito deverão surgir nas universidades portuguesas, bem como cadeiras específicas nos cursos de Relações Internacionais, sobre o Magrebe e, mesmo, Licenciatura/Mestrado em *Estudos Magrebinos*. O ensino da língua árabe deverá ser obrigatório para quem optar por estas especializações/cursos.

Novos Produtos a Exportar

²⁸ Metropolitano de superfície.

²⁹ Angola reconhece a República Árabe Saharaui Democrática (RASD) desde 11 de Março de 1976, pelo que se poderão levantar algumas reservas por parte dos marroquinos quanto ao financiamento deste projecto. No entanto, é possível que entretanto também haja um reposicionamento do governo angolano face a esta questão, como tem havido nos últimos anos por parte de vários Estados. Em 1989 a RASD era reconhecida por 79 Estados, em 2011 por 32, sendo que o recém-independente Sudão do Sul, foi o último a reconhecê-la.

³⁰ Uma década após o 11 de Setembro, quantos diplomatas e militares portugueses falam árabe? Tenho conhecimento apenas de um caso, sendo que se trata de um militar que apostou nesta área do saber por gosto e iniciativa própria, muito antes de 2001.

Por via da inexistência de restaurantes portugueses, a promoção do nosso vinho no Marrocos é inexistente. Embora seja um mercado difícil, sobretudo porque tudo está controlado por Brahim Zniber, o maior produtor de Meknes, a verdade é que poderá conseguir-se forma de começar a abrir o caminho da seguinte forma:

Venda de vinho a granel. Os enólogos marroquinos estão agora a passar pela fase experimental dos vinhos de fusão com várias castas, levando depois um rótulo de produção local.

A mesma acção é possível ser efectuada com o azeite, outro produto tradicional português que não é visto neste mercado.

O mel³¹ é mais um produto de excelência, muito apreciado pelos árabes, o qual não é visto neste mercado com rótulos portugueses.

Um outro investimento que me parece ser visionário e o qual ao ser levado a cabo, demonstrará uma estratégia de longo prazo, fundamental para se ganhar a simpatia e a confiança de qualquer mercado receptor de investimento estrangeiro, é a reciclagem, sector aliás de já larga tradição e *know-how* em Portugal. Pela proximidade, será certamente viável a exportação³² de materiais recicláveis portugueses para este mercado, o qual deverá levar algum tempo a atingir os elevados níveis de recolha registados na Europa, já que as populações não estão educadas para tal, nem se vislumbra qualquer preocupação séria nesse sentido actualmente.

Idiossincrasias Locais

A grande diferença dos negócios no Magrebe para a África Subsahariana, Lusófona, ou não, na qual nos mexemos tão bem, é que por aqui o pagamento das “comissões”, o qual é sempre feito à cabeça, não garante que se ganhe o concurso ou a obra. O promotor ganha de todas as partes e depois escolhe com quem mais simpatiza. Por isso é que é fundamental todo este trabalho de promoção de Portugal, em todas as frentes mencionadas. É necessário demonstrar-se que há um projecto, um plano, uma ideia e que não é para 5 ou 6 anos, mas sim um plano que demonstre uma estratégia de longo prazo, fundamental para a criação de confiança e de cumplicidades. É isso que os marroquinos, por exemplo, têm com espanhóis e franceses, bem como uma consequente relação amor/ódio, que não têm connosco.

Outra característica de árabes e de berberes, é que não sabem dizer “não”. Não sabem dizer “não quero”, “não vou”, “não gosto”, “não vi”, etc. Têm vergonha. Sobre este detalhe, nada há a fazer, sendo que é preciso saber aprender a viver com esta realidade. De tal forma, que muitas vezes negócios estão apalavrados e quando se chega à hora de assinar, a parte magrebina diz que só o faz se o preço acordado anteriormente for reduzido em 10%. Já aconteceu a algumas grandes empresas portuguesas, sendo que umas aceitaram e outras simplesmente viraram as costas. Para evitar situações como esta, é aconselhável sempre que possível, que seja um muçulmano a conduzir as negociações, para que quando chegar a hora em que os valores são acordados, poder jurar em nome de Deus com a mão direita sobre o Corão que cumprirá escrupulosamente com o que foi acordado, “obrigando” a outra parte a efectuar o mesmo³³. É claro que isto só funcionará se a mesma pessoa que jurou, for a mesma a assinar, o que muitas vezes nos grandes negócios não se verifica. Há uma equipa que negocia sob indicações de uma chefia, a qual assinará à *posteriori*. No entanto, fica o registo de que um muçulmano jamais voltará com a palavra atrás, após ter jurado em nome de Deus.

³¹ Como já foi dito anteriormente, o mel é a melhor oferta que se pode dar a um árabe, berbere e muçulmano em geral. A 16ª Surat do Corão, tem precisamente como título “As Abelhas”, a quem Deus revelou o Versículo 70 desta mesma Surat. A abelha também é considerada como o insecto mais limpo de todos, sendo que abunda nas vitrines das pastelarias e povoa os doces em exposição. O menos provável de acontecer é os bolos encomendados chegarem à mesa, ou a casa, sem a companhia de uma, ou mais, destas amigas.

³² O desenvolvimento deste projecto deverá começar pela central de reciclagem e só mais tarde se desenvolver a rede de recolha, já que certamente os países europeus já recolhem o suficiente, quer doméstico quer industrial, tendo excedente suficiente para expor para este mercado.

³³ Não é tão líquido como parece, já que também poderá ser interpretado como uma afronta por parte de um estranho, sendo o mesmo muçulmano. Este passo só deverá ser dado caso a conversação ao longo da negociação vá tocando a religião em geral e a religiosidade individual de cada um em particular, o que é aliás corrente em conversas absolutamente banais.

Conclusão

As propostas apresentadas para casos específicos no Marrocos, poderão ser estendidas para o restante Magrebe e até outros países do Médio Oriente, sobretudo a questão gastronómica e desportiva, já que são as que mais paixões despertam rapidamente.

O contexto político actual em Espanha, com a vitória do Partido Popular (PP) de Mariano Rajoy, bem como a vitória dos islamistas do PJD³⁴ de Abdelillah Benkirane, prognosticam 4 anos de tensões crescentes entre estes 2 vizinhos, pelo que será o momento ideal para avançar em todas as frentes com as propostas efectuadas, as quais me parecem viáveis, apenas dependendo da vontade de pessoas. O mau estar já começou aliás, com o programa de governo do PP a dedicar apenas duas linhas à relação hispano-marroquina, equiparando-a à prioridade dada pelos espanhóis à Argélia. Muito do que os espanhóis possam perder, poderá ser ganho pelos portugueses.

Aguarda-se com alguma ansiedade a nomeação do novo Embaixador português, bem como do novo Delegado do AICEP para Rabat.

Bibliografia

Leal, Catarina Mendes; “Magrebe, Islamismo e a Relação energética de Portugal”, 2011, Tribuna da História;

Tavim, José Alberto R. S.; “Os Judeus na Expansão Portuguesa em Marrocos Durante o Século XVI: Origens e Actividades de uma Comunidade”, Lisboa, FCSH, 1991, Dissertação de Mestrado;

Thornton, John; “Africa and Africans in the Making of Atlantic World, 1400-1800”, Cambridge, CUP, 1992;

<http://aeiou.expresso.pt/maghreb>

<http://www.bladi.net/forum/197173-32-85-pays-reconnaissent-rasd/>

http://en.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Rom%C3%A3o

<http://www.un.org/>

<http://www.slideshare.net/guest59219f5/a-expansao-portuguesa1>

Imagens

Figura 1

<http://www.tribunadahistoria.pt/?l=3&id=134&opc=4>

Figura 2

<http://www.morocco-emba.jp/formerWEB/rabat-engl.htm>

Figura 3

Propriedade/Direitos de Autor, Raúl M. Braga Pires

Figura 4

http://pt.wikipedia.org/wiki/Mazag%C3%A3o_%28Marrocos%29

Figura 5

Propriedade/Direitos de Autor, Raúl M. Braga Pires

³⁴ Parti de la Justice et du Développement.